



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA

CLARA GOMES DOS SANTOS

A CIBERCULTURA: A EDUCAÇÃO NA ERA DIGITAL

Campina Grande-PB
2025

CLARA GOMES DOS SANTOS

A CIBERCULTURA: A EDUCAÇÃO NA ERA DIGITAL

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Filosofia da
Universidade Federal de Campina
Grande, como requisito parcial para a
obtenção do grau de Licenciada em
Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Luciano da Silva

Campina Grande
2025

S237c

Santos, Clara Gomes dos.

A cibercultura: a educação na era digital / Clara Gomes dos Santos –
Campina Grande, 2025.

38 f. il. color.

Monografia (Licenciatura em Filosofia) - Universidade Federal de
Campina Grande, Centro de Humanidades, 2025.

"Orientação: Prof. Dr. Luciano da Silva."

Referências.

1. Ensino de Filosofia. 2. Cibercultura. 3. Educação. 4. Meios
Tecnológicos. 5. Tecnologia Digital. I. Silva, Luciano da. II. Título.

CDU 1:37(043)

CLARA GOMES DOS SANTOS

A CIBERCULTURA: A EDUCAÇÃO NA ERA DIGITAL

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Filosofia da
Universidade Federal de Campina Grande,
como requisito parcial para a obtenção do
grau de Licenciada em Filosofia.

Data de aprovação: _____ / _____ / _____

Prof. Luciano da Silva (Orientador)

Prof. Dr. Pedro Henrique Carné (Examinador)

AGRADECIMENTOS

Me tornar filósofa sem dúvida foi uma das minhas maiores metas, e me tornar educadora de uma geração tão difícil de ser compreendida é um grande desafio, desafio esse que sempre estive disposta a encarar. E tudo isso se deu graças ao meu esforço, dedicação e muito incentivo dos meus pais e meu irmão que sempre me apoiaram e se fizeram presentes em tantos momentos difíceis de minha vida, nunca hesitaram de me ajudar, seja com palavras de apoio ou atitudes diárias. Agradeço também a alguns professores que sempre acreditaram em mim e no meu potencial, me ensinando que mesmo com muitos obstáculos somos todos capazes de sermos vitoriosos e alcançar todos os nossos objetivos. Agradeço também a espiritualidade, que sempre me colocou de pé me dando força e coragem para continuar mesmo em meio a tanta turbulência do dia a dia, sempre me sentia forte e capaz de seguir

Por fim, os meus mais sinceros agradecimentos a todos que seguraram minha mão quando eu mais precisei, e aqueles que me subestimaram sinto muito, pois, conseguir chegar aonde muitos gostariam de ter chegado.

“A cibercultura é propagada por um movimento social muito amplo que anuncia e
acarreta uma evolução profunda da civilização”
(Pierre Lévy)

RESUMO

A Cibercultura se desenvolve por meio do uso das tecnologias digitais, como por exemplo os smartphones, tablets e computadores, através dos quais podemos nos conectar com o mundo. Os meios tecnológicos surgiram como forma de modernizar e inovar, trazendo praticidade e comodidade a seus usuários. Basta um click e podemos acessar o mundo inteiro sem sair da nossa casa. Mas, devemos usá-lo com responsabilidade, consciência e equilíbrio, para que possamos extrair o melhor dessas tecnologias. A cibercultura é um conjunto de técnicas, práticas e modos de pensamento que se desenvolvem com o ciberespaço, que tem a intenção de impulsionar a inteligência coletiva, e também a forma de se socializar. Assim, no presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), objetivamos demonstrar como a cibercultura pode contribuir com o ensino de filosofia no ensino médio. Por uma estratégia metodológica, realizamos uma abordagem qualitativa, buscando evidenciar os aspectos da realidade que não podem ser quantificados. Como procedimento, adotamos a pesquisa participante, a partir das observações realizadas no campo de estágio. O resultado alcançado demonstra que os avanços tecnológicos poderiam ser melhor aproveitados em benefício do ensino de filosofia no ensino médio.

Palavras-chave: cibercultura, educação, meios tecnológicos.

ABSTRACT

In this work, I intend to argue how internet culture can support teachers in teaching philosophy at the high school level. Briefly stated, internet culture refers to a set of techniques, practices, and ways of thinking developed within the interconnected digital environment of cyberspace. We can observe this type of culture emerging through digital devices (such as smartphones, tablets, and computers), which allow users to connect with people around the world and foster a form of collective intelligence. It is important to note that digital devices offer users both practicality and convenience, while also encouraging them to act more responsibly. We believe that by promoting responsible behavior, we can help internet culture develop in its most positive aspects. The methodological approach of this work is qualitative research, based on a survey I conducted during my internship at a high school.

Keywords: internet culture, teaching, gadgets

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. A FORMAÇÃO DA INTELIGÊNCIA COLETIVA.....	11
1.1. O que é a técnica?.....	11
1.2. A era da cibercultura.....	13
1.3. A infocracia.....	15
2. O COTIDIANO DA ESCOLA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO.....	22
2.1. Estágio Supervisionado I.....	22
2.2. Estágios supervisionados II, III e IV.....	24
3. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO: A IMPORTÂNCIA DA TECNOLOGIA NA AULA DE FILOSOFIA.....	27
3.1. O ensino de filosofia numa perspectiva emancipatória.....	27
3.2. A preparação da aula.....	28
3.3. A execução da aula.....	30
3.4. A avaliação da aula.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	36
Apêndice.....	37

INTRODUÇÃO

Falar em cibercultura é referir-se a cultura que surge da interação entre as tecnologias digitais e as pessoas. As tecnologias abriram novos caminhos para pensar a educação. Usamos as tecnologias para tudo porque é algo que está presente em nossas vidas, contribuindo para o conhecimento coletivo das pessoas. O avanço da tecnologia é constante, prova disso são as empresas que instigam seus consumidores a comprarem seus produtos, mesmo que o consumidor não esteja precisando. A tecnologia mudou a forma como os conteúdos são aplicados em sala de aula. O quadro, o giz e o projetor foram substituídos por telas instaladas na sala de aula para que o professor possa dinamizar suas atividades. Se antes o professor precisava demonstrar habilidade para fazer um desenho no quadro “negro”, agora ele pode acessar a internet em sala e projetar numa tela de TV o desenho ou imagem que deseja mostrar aos seus alunos. Vários materiais didáticos também são elaborados em PDF, permitindo que o aluno possa utilizá-los em seu próprio aparelho de celular. Dessa forma, restringir, totalmente, o uso desse aparelho na escola, parece não ser uma boa estratégia para a educação.

Na sociedade em que vivemos, não podemos prescindir de um celular e do acesso à internet, embora haja uma desigualdade digital que precisa ser superada. Ante esse contexto, esta pesquisa buscou responder a seguinte questão: em que sentido a cibercultura pode contribuir para melhorar o ensino de filosofia no ensino médio? Considerando esta questão, nossa hipótese inicial é positiva, a saber: a cibercultura pode contribuir para o melhoramento do ensino de filosofia no ensino médio, conectando os alunos de uma determinada escola com alunos de qualquer lugar do mundo. A cibercultura possibilita que alunos de diferentes lugares do mundo possam formar comunidades para trocar informações, realizar trabalhos em conjunto etc.

Para verificar a consistência dessa hipótese, o objetivo geral definido foi o seguinte: compreender como a cibercultura poderia contribuir para conectar alunos de diferentes lugares do mundo. Para realizar este objetivo geral, definimos os seguintes objetivos específicos: a) analisar tematicamente o desenvolvimento da cibercultura; b) revisar as atividades desenvolvidas nos estágios supervisionados I, II, III e IV a partir do conceito de cibercultura; e realizar uma intervenção filosófica e

pedagógica, isto é, uma aula de filosofia no ensino médio sobre o tema da cibercultura.

Considerando a natureza da pesquisa, optamos pela realização de uma abordagem qualitativa, que tem por objetivo se ocupar de um aspecto da realidade que não pode ser quantificado. O método adotado foi o dedutivo, que nos permitiu partir da compreensão do desenvolvimento do conceito de cibercultura até a sua aplicação na sala aula de filosofia no ensino médio. O resultado alcançado demonstra que as escolas públicas paraibanas precisam compreender melhor o potencial da tecnologia para a educação.

1. A FORMAÇÃO DA INTELIGÊNCIA COLETIVA

1.1. O que é a técnica?

Os avanços da tecnologia têm impactado diretamente nas vidas das pessoas, mesmo quando estas últimas não acessam, ou têm contato, diretamente com tais tecnologias. Pierre Lévy compreende esse fenômeno como sendo da monta de que as mudanças no âmbito da tecnologia fazem parte do desenvolvimento da linguagem do comportamento social humano, ou seja, “é o mesmo homem que fala, enterra seus mortos e tralha o sílex” (Lévy, 1999, p. 21). Para este autor, a técnica não é separada da sociedade, mas um meio para a realização de uma “[...] análise dos sistemas sócio-técnicos globais, um ponto de vista que enfatiza a parte material e artificial dos fenômenos humanos, e não uma entidade real, que existiria independentemente do resto, que teria efeitos distintos e agiria por vontade própria” (Lévy, 1999, p. 22).

Tecnologia, sociedade e cultura são distintas, mas precisamos pensar a tecnologia para além de seu impacto na sociedade e na cultura. É necessário pensar a tecnologia como produto da sociedade e da cultura. Nesta perspectiva, a distinção entre tecnologia, sociedade e cultura é conceitual. Esta relação permite que os sujeitos que desenvolvem a tecnologia possam também interpretá-las de diferentes formas (Lévy, 1999).

As técnicas representam as mudanças culturais. Para Lévy (1999, p. 23), “sua presença e uso em lugar e época determinados cristalizam relações de forças sempre diferentes entre seus humanos”. A técnica sintetiza ao mesmo tempo as mudanças sociais profundas. Seu uso pode equilibrar ou desequilibrar as relações de força dentro de uma sociedade. Como ressalta Di Felice (2020, p. 24-25), “a técnica, portanto, num sentido nem metafísico, nem instrumental, passa a ter a função e o papel de desvelar algo para o homem e de oferecer-lhe um caminho para descobrir algo que não estava nele nem pertencia a ele antes”. Para Di Felice (2020, p. 25), embora o homem (o ser humano) produza, fabrique, a técnica, esta não vem a ser “[...] um fazer do homem, nem é um acontecimento que tem origem dentro do humano, nem o humano é o agente principal desse acontecimento”. Portanto, é preciso compreender que a técnica não deve ser compreendida como um mero meio para alcançar determinados fins. A essência da técnica está na *aletheia*, isto é, no

desvelamento, e não na definição da técnica ocidental. Estamos diante de uma relação complexa que é tanto relacional quanto temporal. Por isso, Heidegger (2020, p. 48-49) afirma que:

A técnica não é, portanto, meramente um meio. É um modo de desabrigar. Se atentarmos para isso, abrir-se-á para nós um âmbito totalmente diferente para a essência da técnica. Trata-se do âmbito do desabrigamento, isto é, da verdade. Esta perspectiva é, para nós, estranha. Mas ela exatamente deve estranhar, e se possível por um bom tempo e de modo opressor, para que finalmente também tomemos a sério a simples questão do que diz, pois, o nome: “técnica”.

A técnica é fundamentada por ideias sociais, abstratas etc., o que impede que ela tenha um sentido único. No âmbito digital, a diversidade de ideias que fundamentam a técnica se torna ainda mais evidente. Assim, é fácil compreender porque os países considerados de primeiro mundo investem tanto em tecnologia. Di Felice (2020, p. 24) considera que “a dificuldade de analisar concretamente as implicações sociais e culturais da informática ou da multimídia é multiplicada pela ausência radical de estabilidade neste domínio”. Mas, o fato é que o fenômeno técnico tem um papel fundamental na história, de maneira que não se pode negar a importância desse fenômeno no processo de desenvolvimento da sociedade. Como observa Lemos (2023, *n.p.*),

Na entrada do século XXI, a tecnologia e a sociedade não podem mais ser reduzidos às análises unilaterais que se desenvolveram durante os séculos da modernidade industrialista, e não precisamos insistir muito sobre a saturação dos paradigmas científicos e os impasses de seus métodos para nos darmos conta desse estado de coisas.

Este contexto obriga o sujeito contemporâneo a compreender seu tempo, e a se compreender nesse novo contexto, que é da

[...] queda das grandes ideologias e dos metadiscursos iluministas, o fracasso dos sistemas políticos, a desconfiança em relação aos benefícios do progresso tecnológico e científico, a indiferença da geração X e Y, o novo tribalismo que revelaria o fracasso do projeto individualista moderno, a descrença no futuro, as novas formas de comunicação gregárias no ciberespaço, os desafios em nível planetário. É precisamente esse novo quadro da civilização contemporânea o berço da cibercultura (Lemos, 2023, *n.p.*).

É necessário buscar a compreensão da cibercultura no fenômeno técnico, porque a história da tecnologia é fundamental para a compreensão da cultura atual, isto porque o fenômeno técnico nasce a partir do momento em que o ser humano surge na terra. Gilbert Simondon, a esse respeito, se aproxima de Heidegger em relação a questão da técnica, vindo a desenvolver uma perspectiva técnica mais inclinada para a biologia. Para Simondon (*apud* Lemos, 2023), a máquina é responsável pela sensação de que não precisamos tanto da tecnologia, isto é, de que a tecnologia não faz parte da cultura humana, vindo a ser até mesmo inimiga dos seres humanos.

Por isso, contra essa concepção, Simondon propõe uma filosofia dos mecanismos, que ele chama de “mecanologia”. Significa que a técnica passa por algumas fases em sua evolução, que vai da fase zoológica, que representa uma fase mais primitiva do homem, até alcançar a fase da natureza mais artificial, que representa a tecnosfera. Este é um processo que Simondon (*apud* Lemos, 2023) classifica como sendo de desnaturalização do homem.

1.2. A era da cibercultura

Estamos, assim, em um contexto que podemos classificar como “a era da cibercultura”. A cibercultura nasce por volta da metade da década de 1970. Esse nascimento tem relação com a cibernética, embora não seja uma derivação desta última. Conforme Lemos (2023, *n.p.*), “[...] a cibercultura surge como os impactos socioculturais da microinformática”, e se refere a um movimento que se posiciona contra o crescente poder tecnológico. Há três formas de explicar o advento da tecnologia: a primeira pode ser explicada pelas condições técnica, social e ideológica, uma vez que informática é a ciência através da qual se produz, organiza, armazena e distribui informações.

Estas informações hoje são conhecidas como “códigos binários” tipo 0 e 1, cujo termo em inglês vem a ser *bits*. A cibercultura, nesse sentido, tem origem nesse contexto de “[...] hiperquantificação, hiper-racionalista, que tenta integrar, ou melhor, traduzir, e não mais representar a natureza através das tecnologias digitais” (Lemos, 2023, *n.p.*). Nesse sentido, o ser humano passa a ser definido pela informação. Assim, é possível dizer que a cibercultura surge também como um tipo de mobilização social, de iniciativa dos primeiros *hackers* do *Homebrew Club* contra o

peso da segunda informática, que reforçava os paradigmas ideológicos da modernidade.

Nessa perspectiva, a informática vai ser apropriada pela sociedade contemporânea, que vai explorar o potencial comunicativo dessa tecnologia, “[...] a interatividade é hoje em dia uma palavra de ordem no mundo dos *medias* eletrônicos [...]” (Lemos, 2023, *n.p.*).

A cibercultura é o conjunto de técnicas, práticas, valores, atitudes e modos de pensamentos que formam o Ciberespaço. É uma espécie de cultura que surgiu com o desenvolvimento das tecnologias digitais através de fluxos ininterruptos de ações e ideias entre pessoas conectadas por computadores. Estamos diretamente ligados as redes por diversos meios: abertura de site para pesquisa; transações bancárias por site ou aplicativo; envio e recebimento de e-mails; utilização de chats, fóruns, blogs; escolha de quais conteúdos consumir, de acordo com interesse e relevância; inscrições e preenchimento de formulários pela internet; participação em cursos, eventos ou reuniões virtuais; conexão, interação e manutenção de relacionamentos virtuais etc. Segundo a cibercultura, a internet veio para facilitar nossas vidas de maneira direta. Os meios digitais estão a cada dia influenciando de maneira direta a vida da sociedade e daqueles que nela habitam.

A Cibercultura tem um papel importante para as Tecnologias da Informação (TI). Elas dizem respeito a todas as soluções tecnológicas que são utilizadas para otimizar o dia a dia no processo das informações. As TI's são bastante usadas em empresas, porém é a Cibercultura quem aponta toda tendência tecnologica, sugerindo movimentações de mercado, acentuando novos comportamentos de consumidores, além de aprimorar e fortalecer conexões. As TI's revisam e criam estratégias, buscando acompanhar e antecipar as oportunidades e as mudanças que surgem a todo momento. Ficamos intrigados quando, ao pesquisarmos algo na rede, em questão de instantes em todas as nossas redes sociais aparece o mesmo produto pesquisado ou o produto sugerido de um outro fornecedor. Isso se dá graças às inovações da rede, que captam o que estamos pesquisando e lança os produtos parecidos, ou igual, ao que estávamos procurando.

As comunidades virtuais formam um princípio importante da Cibercultura, pois tem a finalidade de adquirir conhecimentos sobre projetos mútuos em um processo de troca e comperativismo, independente das proximidades geográficas ou das filiações institucionais. O desenvolvimento das comunidades e grupos sociais, em

geral mantém contato e interação de todos os tipos, aquela imagem do indivíduo hipnotizado em frente a tela. Uma comunidade virtual não pode ser considerada irreal, imaginária ou ilusória, pois trata-se somente do coletivo que é quase permanente que se organiza por meio dos correios eletrônicos mundiais. A comunidade virtual é um grupo de pessoas que troca experiências cotidianas por meio da *web*, no sentido de criação de contato afetivo.

A Ciberultura é a construção de um laço social em torno de centros de interesses comuns, sendo eles jogos de compartilhamento de saber, aprendizagem cooperativa, processos abertos de colaboração etc. Essas comunidades são de um apetite gigantesco para encontrar um ideal virtual humano desterritorializado, transversal e livre.

O nascimento da ciberultura foi visto por Pierre Lévy como algo esperançoso, isto é, como um grande sinal do progresso científico da humanidade. Trata-se de um fenômeno que não tem precedentes, e que inaugura uma nova realidade, fundamentada na troca de mensagens/informações.

Para Lévy, o virtual tem a capacidade de ampliar as coisas, isto é, de evidenciá-las e levá-las para um número maior de pessoas. A ciberultura refere-se também à análise sobre o impacto que o fluxo da troca de informações através do virtual causa na sociedade. O mundo virtual, dessa forma, vem a ser um espaço que se expande a todo instante, possibilitando ao explorador desse mundo uma busca constante.

Dessa forma, Lévy compreende que o ciberespaço vem a ser lugar de mudanças, principalmente no âmbito da comunicação mundial.

1.3. A infocracia

O filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, por sua vez, apresenta uma compreensão distinta. Ao seu ver, vivemos sob o poder de uma forma de panóptico imposto pelas multinacionais da tecnologia. Este vem a ser o cenário da ciberultura, que incide principalmente sobre os países do sul global. Para Han, esta é também uma fase avançada do capitalismo, na qual os donos do capital não apenas detêm os meios de comunicação, mas também os meios de informação. Os donos do capital dominam todos os meios de vigilância. Embora este tema seja amplamente debatido no ciberespaço, para Han, as pessoas são cada vez mais vigiadas e

obedientes ao controle dos algoritmos. Nesta fase do capitalismo, os donos do capital não detêm apenas os meios de produção, mas principalmente os meios de comunicação, ou seja, “o regime de informação está acoplado ao capitalismo da informação, que se desenvolve em capitalismo de vigilância e que degrada os seres humanos em gado, em *animais de consumo e dados*” (Han, 2022, p. 7).

Foucault (2014) considera que a vigilância se dá através da disciplina, e esta se expressa em forma de poder capilar, isto é, através dos gestos espontâneos das pessoas. Significa que quando o indivíduo se vê isolado, passa a agir a partir da disciplina que lhe foi imposta: seus gestos passam a refletir a disciplina que absorve sem perceber (Foucault, 2021). Mas, Han (2022, p. 9) entende essa questão de uma maneira diferente, a saber:

O isolamento não pode mais ser transposto ao regime da informação, que explora, justamente, a comunicação. A vigilância no regime da informação ocorre por meio de dados. Os reclusos isolados do panóptico disciplinar não produzem dados, não deixam rastros de dados, pois *não se comunicam*.

Para Han, Foucault não percebeu o poder do regime da informação, notadamente porque em seu contexto a informática não se mostrava tão avançada. Mas em nosso contexto, a disciplina imposta pelo regime de informação apresenta raízes profundas, como bem explica Han (2022, p. 13) na seguinte passagem:

Na sociedade da informação, os locais de incorporação do regime disciplinar se desfazem em redes abertas. Para o regime da informação, valem os seguintes princípios topológicos: descontinuidades são reduzidas em prol de continuidades. No lugar de encerramentos e conclusões, aparecem aberturas. Celas isoladas são substituídas por redes de comunicação. A visibilidade é, então, produzida de toda outra maneira, *não pelo isolamento, mas pela conexão*. A técnica digital da informação faz com que a comunicação vire vigilância. Quanto mais geramos dados, quanto mais intensivamente nos comunicamos, mais a vigilância fica eficiente. O telefone móvel como aparato de vigilância e submissão explora a liberdade e a comunicação. Nos regimes de informação, as pessoas não se sentem, além disso, vigiadas, mas livres. Paradoxalmente, é o sentimento de liberdade que assegura a dominação. Nisso se distingue fundamentalmente o regime da informação do regime disciplinar. *A dominação se faz no momento em que liberdade e vigilância coincidem*.

O regime de informação não encontra obstáculos para se desenvolver porque seu poder de persuasão não está na força física (Foucault, 2014), mas no poder da vigilância, no qual “[...] as pessoas se empenham *por si mesmas* à visibilidade, enquanto no regime disciplinar isto lhe é imposto. Mete-se voluntariamente no foco

de luz, até mesmo desejam isso, enquanto os reclusos do panóptico disciplinar procuram sair dele” (Han, 2022, p. 14). Assim, há algo que é comum no regime de informação, a saber, a transparência, que funciona como uma polícia do visível. Nesse sentido, “quem só faz alusão à política de informação de uma instituição ou pessoa, ignora seu alcance” (Han, 2022, p. 14). O modo de coação do regime de informação é a transparência, que é “[...] a *coação sistêmica do regime de informação*”, cujo imperativo vem a ser: “tudo deve estar disponível na condição de informação” (Han, 2022, p. 14).

Esta sociedade da informação, assim exposta, apresenta o seguinte paradoxo: “*as pessoas estão aprisionadas nas informações*. Afivelam elas mesmas os grilhões ao se comunicarem e ao produzirem informações. *O presídio digital é transparente*” (Han, 2022, p. 14-15). Ao nosso ver, podemos tomar como exemplo desse tipo de presídio digital a loja da Apple, localizada na cidade de Nova Iorque, a ver:

Imagem 1: Loja da Apple na cidade de Nova Iorque



Fonte: Apple, 2024.

Como se pode perceber na imagem acima, a loja da Apple representa um símbolo do poder da transparência, uma vez que ela permanece aberta 24 horas por dia, sete dias por semana. Para Han (2022, p. 15-16),

Pode ser que o cubo de vidro da Apple sugira liberdade e comunicação ilimitada, mas, na realidade, incorpora a *dominação impiedosa da informação*. O regime de informação torna o ser humano completamente transparente. A própria dominação nunca é transparente. Não há *dominação transparente*. A transparência é o lado da frente de um processo que se despoja de visibilidade. A própria transparência nunca é

transparente. Ela tem um lado de trás. A *sala de máquinas da transparência é escura*. Desse modo, denunciemos o poder que se torna cada vez maior da caixa-preta algorítmica.

A cibercultura analisa o regime de informação, buscando demonstrar como, nesse regime, o indivíduo se encontra dominado, mas essa dominação faz parte do seu cotidiano. Nas palavras de Han (2022, p. 16-17):

É encoberta atrás da complacência das mídias sociais, da comodidade das máquinas de busca, das vozes embalantes das assistentes de voz ou oficiosidade prestativa dos *smart apps*, os aplicativos inteligentes. O *smartphone* se revela como um *informante* eficiente, que nos submete a uma vigilância duradoura. A *Smart Home*, a casa inteligente, transfigura a casa toda em uma prisão digital que protocola minuciosamente nossa vida cotidiana. O robô-aspirador-de-pó *smart*, que nos poupa da limpeza cansativa, mapeia a casa toda. A *Smart Bed*, a cama inteligente, com seus sensores conectados, prolonga a vigilância também durante o sono. A vigilância infiltra-se no cotidiano na forma da *conveniência*. No presídio digital como zona de bem-estar *smart* não se ergue nenhuma oposição contra o regime dominante. O *Like* exclui toda revolução.

O regime de informação já faz parte dos hábitos dos indivíduos. E por meio desse regime, o neoliberalismo finalmente passou a controlar as vidas das pessoas através dos anúncios positivos que causam uma falsa sensação de liberdade. Han (2022, p. 17), a esse respeito, considera que:

O poder disciplinar repressivo dá lugar a um poder *smart*, que não dá ordens, mas *sussurra*, que não comanda, mas que *nudge*, quer dizer, que *dá um toque* com meios sutis para controlar o comportamento. *Vigiar e punir*, as características do regime disciplinar de Foucault, dão lugar a *motivar e otimizar*. No regime de informação neoliberal, a dominação se dá como *liberdade, comunicação e Community*, comunidade.

Estamos em um processo de digitalização de todas as coisas, no qual as pessoas passam a perceber a realidade como se esta estivesse alterada, como se houvesse uma embriaguez coletiva. Essa sensação tem afetado o desenvolvimento da democracia, a qual começa a apresentar fraturas. A cibercultura considera que a infocracia traz benefícios para o nosso tempo, mas nos impõe a urgência de compreender esse novo contexto. Nas palavras de Han (2022, p. 25):

A esfera pública discursiva, essencial para a democracia, se deve ao público leitor pensante. [...] Sem a impressão de livro, não teria sido possível haver o Esclarecimento, que faz uso da razão, do pensamento raciocinante. Na cultura livresca, o discurso apresenta uma coerência lógica [...] (Han, 2022, p. 25).

O regime de transparência alterou a relação que as pessoas tinham com os livros, que representavam uma cultura que privilegiava o debate público. Mas o processo de digitalização da vida humana tem afastado as pessoas dos livros e as aproximado das telas dos *smartphone*. Conforme Han (2022, p. 26-27):

O discurso político do século XIX, marcado pela cultura livresca, tinha toda uma outra largura e complexidade. Os famosos debates públicos entre o republicano Abraham Lincoln e o democrata Stephen A. Douglas dão um exemplo bem evidente disso. No duelo de discursos de 1854, Douglas falou, num primeiro momento, durante três horas inteiras. Em sua réplica, Lincoln teve à disposição igualmente três longas horas. Em seguida à réplica de Lincoln, Douglas ainda falou por mais uma hora. Ambos os oradores debateram questões políticas complexas com formulações em parte bastante complexas. A capacidade de concentração do público era extraordinariamente alta. Além disso, os participantes do discurso público eram, para as pessoas de então, um componente sólido de sua vida social.

A infocracia vem destruindo o discurso racional da cultura que tinha o livro como base, e tem criado o público do entretenimento. Assim,

Em oposição ao público leitor, o público da televisão estaria exposto ao perigo de uma interdição [*Entmündigung*] [...] Na midiocracia, também a política se submete à lógica das mídias de massa. O entretenimento determina a mediação de conteúdos políticos e deteriora a racionalidade. [...] Da democracia faz-se uma *telecracia*. O entretenimento é o mandamento supremo, ao qual também a política se submete [...] Notícias se tornam similares a uma narrativa. A distinção entre ficção e realidade desaparece (2022, p. 27-29).

A cibercultura nos revela que o contexto no qual vivemos é de uma midiocracia, que submete as massas a um tipo de entretenimento que se sobrepõe ao discurso racional. Nas palavras de Han (2022, p. 29-30):

A midiocracia é, ao mesmo tempo, uma *teatrocracia*. A política se esgota em encenações midiáticas de massa. No apogeu da midiocracia, o ator Ronald Reagan foi eleito presidente dos Estados Unidos. Nos debates televisivos entre oponentes, não se trata de argumentos, mas de *performance*. O tempo de fala dos candidatos também foi radicalmente encurtado. O estilo do discurso se altera. Quem melhor se puser em cena é quem ganha a eleição. O discurso degrada-se em show e propaganda. Conteúdos políticos têm um papel cada vez menor. A política perde, desse modo, sua substância, erodida em uma imagem telecrática da política.

Percebe-se também que a televisão tem prezado pelas notícias simples e chamativas, ao invés de notícias bem fundamentadas. O mesmo tem acontecido

com as rádios de uma maneira geral. Para a cibercultura, a infocracia domina as pessoas, fazendo com que estas se comportem como se estivessem numa caverna, como aquela pensada por Platão (2017), mas uma caverna representada por pequenas telas, como as dos *smartphones*, nas quais os grilhões são invisíveis e os prisioneiros não percebem que estão presos, porque eles mesmos fornecem as informações que o regime de transparência necessita. A esse respeito, diz Han (2022, p. 33):

Teletelas e monitores são substituídos hoje pelo *touchscreen*. O novo meio de submissão é o *smartphone*. No regime de informação, as pessoas não são mais telespectadoras passivas, que se rendem ao entretenimento. São emissores ativos. Produzem e consomem, de modo permanente, informações. A embriaguez de comunicação que assume, pois, formas viciadas, compulsivas, retém as pessoas em uma nova menoridade. A fórmula da submissão do regime da informação é a seguinte: *comunicamo-nos até morrer*.

Han considera que o regime digital de transparência não tem um centro, porque são vários os assuntos tratados. Isto demanda uma fenomenologia que nos permita compreender a estrutura da infocracia como fundamento da crise da democracia em nosso tempo. Sabemos que essa crise também se deve ao fato de que as informações estão sendo trocadas em uma velocidade que não permite uma reflexão consistente, isto é, “A coação de aceleração inerente às informações recalca as práticas de tempo intensivo, cognitivas, como *saber, experiência e compreensão*” (Han, 2022, p. 35). No contexto da infocracia, a democracia tem se mostrado atingida em suas bases, porque as pessoas são obrigadas a acelerar as suas vidas.

A cibercultura nos mostra que vivemos em um contexto no qual a linguagem, como base da democracia, se encontra empobrecida, comprometendo o discurso racional. Por isso, a relação entre ensino e aprendizagem é um desafio diário, que envolve a vida dos indivíduos em todas as suas dimensões. Nesse sentido, a filosofia como disciplina do ensino médio precisa estar atenta com os avanços da cibercultura, uma vez que as pessoas têm sido empurradas para o uso das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (NTIC) em todas as áreas da vida social. Assim, estamos diante de uma revolução digital, isto é, um fato que tem formado um novo tipo de cidadão, mas que também tem transformado cidadãos com hábitos antigos em pessoas com hábitos digitais. Dessa forma, precisamos

compreender se o ensino de filosofia no ensino médio tem acompanhado essas transformações.

2. O COTIDIANO DA ESCOLA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

2.1. Estágio Supervisionado I

O primeiro estágio supervisionado teve início no dia 16/05/22 e foi encerrado no dia 18/08/22. Tratou-se de uma intervenção, na qual eu, como estagiária, observava as aulas ministradas. Pudemos observar pontos importantes e compreender melhor como organizar a aula de filosofia para o ensino médio. O primeiro estágio foi meu primeiro contato em sala de aula de forma presencial, haja vista que logo no começo do curso, passei 1 ano e 6 meses no PIBID, mas as atividades foram realizadas de forma remota devido o isolamento social imposto pela Covid-19. Tivemos a oportunidade de compreender a escola a partir da perspectiva dos professores. No ensino médio, o/a professor tem uma grande carga de trabalho, principalmente nas ECI's, que são extremamente cansativas para professores e alunos. Em alguns momentos pudemos perceber que o professor atuava como padrinho de alguns estudantes, principalmente aqueles que estavam saindo do ensino fundamental e ingressando no ensino médio, sem total visão do que ia acontecer no decorrer do ano. A escola ECI Euclides Mouzinho dos Santos, local em que realizamos o Estágio Supervisionado I, tem boa estrutura. Construída recentemente, tem salas totalmente adaptada aos estudantes com laboratórios bem equipados. Mas não têm professores qualificados para todas as áreas, ou seja, vários professores lecionam disciplinas para as quais não foram formados. Dessa forma, alguns professores acabavam por ministrar disciplinas que não eram de suas áreas, como por exemplo um professor de Matemática ministrava aula de Química, a professora de Espanhol ministrava aula de Inglês. Ao nosso ver, isso acaba prejudicando o desenvolvimento do estudante. A escola não cumpre um requisito básico das ECI's, que é o do horário integral; atualmente tem funcionado apenas no horário da manhã, por falta de refeição, obrigatória nas escolas integrais. A referida escola dispensa os alunos a partir das 11 horas da manhã.

A comunidade é bem presente nas atividades da escola, buscando soluções para os problemas existentes. Os professores em sala de aula tinham uma excelente comunicação, mas, ao nosso ver, faltava às vezes a comunicação junto a coordenação pedagógica e a direção geral da escola, que tinham uma constante

briga de quebra de braço para ver quem se destacava mais. Pudemos perceber que alguns estudantes eram extremamente esforçados, assistiam as aulas sem atrapalhar o professor e após a aula alguns professores tiravam dúvidas pendentes. Nas salas das duas primeiras series, pudemos observar uma grande preocupação quando se falava em notas.

Atualmente, na escola, os estudantes acessam tudo por celular ou tablet's, muitas vezes deixando prestar atenção às aulas. A escola, frente a isso, tem bloqueado o sinal de internet para os alunos, permitindo que apenas os professores possam acessá-la.

Ao nosso ver, a educação deve andar de mãos dadas com a educação deve andar de mãos dadas com as novas tecnologias. Tirar o direito do estudante de acessarem a internet em pleno século 21 pode não ser o caminho mais adequado para que tenham mais atenção à aula.

A renovação e inovação desses meios digitais em sala de aula vem tornando o ambiente educacional mais interativo e dinâmico, os dispositivos digitais como os tablets, computadores e celulares oferecem uma ampla gama de recursos e acesso. Todas essas ferramentas têm proporcionado uma experiência de aprendizado mais personalizada, no qual permite o estudante a explorar conceitos complexos, fazendo com que o estudante consiga enxergar de maneira mais interativa essas ferramentas. A personalização do aprendizado sem dúvida é uma das principais tendências no meio educacional, com recursos de aprendizados que são adaptativas, os estudantes têm acesso a atividades educacionais e conteúdos inéditos que são específicos de cada disciplina. Algo bastante interessante e inovador quando se fala em meios digitais, na era digital e que os algoritmos inteligente podem analisar o progresso e o desempenho de cada estudante, podendo assim, identificar algum tipo de dificuldade que o estudante possa ter e, com isso, aplicar um material personalizado para que aquele estudante possa ter clareza do que está sendo ensinado a ele. Permitindo que o estudante consiga alavancar em seu ritmo de estudos, pois ele tem um suporte necessário para isso, tornando esse caminho menos árduo, mais eficiente e prazeroso.

As novas tecnologias são utilizados para potencializar a aprendizagem, por meio de auxílio de individualização do ensino, que gerenciam ferramentas táticas de ampliação e absorção de conteúdo entre outras possibilidades, garantindo que os estudantes possam ter mais facilidade de aprendizagem. As tecnologias vieram para

revolucionar e abrilhantar a educação, tornando o ensino mais viável, facilitando o entendimento e inovando a maneira como se ensina, porém deve-se ter um equilíbrio em seu uso, para não causar nenhum mal.

2.2. Estágios supervisionados II, III e IV

O segundo estágio supervisionado teve início no dia 10/10/22 e teve seu encerramento no dia 06/02/23. Foi nossa segunda experiência em sala de aula, dessa vez com três turmas de séries diferentes, e pudemos perceber o amadurecimento dos estudantes. Os horários de saída e entrada da escola foram um fator bastante importante, pois eles estudavam somente meio período, e agora se viam na obrigação de passar o dia todo na escola. A disciplina que eles mais gostavam era a de projeto de vida, pois podiam soltar a imaginação e até mesmo se descobrir em alguma profissão, haja vista que o foco seria o empreendedorismo, que seria um caminho "mais fácil", que passar cinco anos em uma universidade. Um cenário bastante preocupante, principalmente nos tempos de hoje, em que esta faltando professores qualificados no mercado, e o estudo esta caindo, principalmente nos interiores, onde acontece muita evasão escolar, e a escola mesmo dando um suporte, não é o bastante para cativar o estudante a ficar em sala de aula, pois é uma jornada bastante exaustiva.

O terceiro estágio teve início no dia 19/02/24 e se encerrou no dia 10/05/24. Neste realizamos a semi regência. Uma experiência atípica, porque pudemos ministrar aulas junto com a professora, que nos auxiliava nessa missão. A primeira aula que pudemos ministrar sem o auxílio da professora foi sobre a Ciberultura, assunto esse que é bastante debatido nas escolas, não só porque a tecnologia está transformando o meio educacional, mas, também a quantidade de estudantes que entram nessas redes e usufruem delas. A ciberultura é um assunto que os estudantes gostam de debater, fazendo perguntas e interagindo. Pudemos ver que uma aula com uma estrutura mais sincronizada, que faz com que eles prestem atenção não somente a aula, mas que consigam interagir junto ao papel que eles têm em mãos, é bem interessante. Transformar uma aula em dinâmica, e não somente em ler, perguntar e escrever, isso acaba desestimulando o estudante a não prestar atenção na aula, e ate mesmo dormindo. O professor tem que ser o manuseador da aula, aquele que faz com que o estudante aprenda com facilidade e

sem cansar a mente do estudante, pois são mais de 8 horas na escola, causando um desgaste muito grande. Nas aulas seguintes a professora nos auxiliou e acabamos ministrando as aulas juntas, uma intervindo junto a outra. Em dias de prova ela fazia a revisão do assunto que ia cair na atividade, e nós ficávamos encarregadas de tirar as possíveis dúvidas que os estudantes tinham, e assim na aula seguinte a prova era aplicada.

A experiência se repetiu no estágio supervisionado quarto, que teve seu início no dia 12/07/24 e seu término no dia 01/10/24. Agora com um olhar mais maduro, pudemos enxergar com mais clareza como funciona uma Escola Cidadã Integral, ou como de fato deveria funcionar, e pudemos perceber que administrar uma escola não é tão fácil assim. Vários fatores fazem com que você deva ter equilíbrio físico e emocional, pois, está a frente da direção de uma escola andando pra cima e para baixo resolvendo problemas internos, de uma merenda que faltou, de um estudante que está em crise, de problemas com água que falta, com documentação que a gerência regional manda, e até mesmo com conflitos familiares. O professor também não fica para trás dessa trabalhadeira toda que é esta em sala de aula, ministrar uma aula, que vai desde estudar um assunto, fazer plano de aula, roteiro para que o estudante não se perca e consiga visualizar o que está escrito, e caso o estudante não entenda nada, o professor tem que encontrar uma forma de explicar com mais clareza para que aquele estudante consiga entender de fato o assunto.

Com as novas tecnologias o ambiente escolar se modificou, o que antes era lápis, papel e quadro, atualmente é televisão, celular e pdf's. Pudemos observar que os estudantes não se atentavam a usar o caderno, somente o celular, pois, um dia antes a professora sempre mandava os textos para os estudantes, e aqueles que não tinham acesso a internet, ou que se sentiam mais à vontade com os textos impressos, a própria escola dava a opção de imprimir e distribuir. Contudo, com a Lei nº 15.100, de 13 de janeiro de 2025, que "Dispõe sobre a utilização, por estudantes, de aparelhos eletrônicos portáteis pessoais nos estabelecimentos públicos e privados de ensino da educação básica", muitos os alunos passaram a considerar, novamente, que as aulas ficaram entediadas.

A escola Euclides Mouzinho dos Santos, apesar de estar estruturada para usufruir da cibercultura, praticamente não usa mais sua estrutura tecnológica. Ao nosso ver, parece faltar aos seus profissionais e direção, assessoria por parte do

governo do estado para que a escola possa usar sua estrutura da melhor forma possível.

3. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO: A IMPORTÂNCIA DA TECNOLOGIA NA AULA DE FILOSOFIA

3.1. O ensino de filosofia numa perspectiva emancipatória

Nas aulas ministradas de antes (estágios), e até essa última aula para o TCC, pudemos observar a inquietação dos estudantes em sala de aula, sem o uso dos meios digitais. A escola recuou quando falamos em modernismo tecnológico e aprendizagem, pois os estudantes estavam acostumados ao uso do celular para estudar, mesmo sendo em sala de aula, eles podiam abrir seus livros digitais e pdf's e a professora não precisava se preocupar em tirar xerox, pois ela os enviava para os estudantes um dia antes da aula, dando tempo para lessem o texto e se preparassem para a aula. A inquietação não era apenas dos estudantes, ouvimos relatos de que alguns professores já estariam se sentindo incomodados com a restrição.

As aulas de Filosofia se tornaram diferenciadas, devido a essa dificuldade da proibição do uso da internet, o que antes podia se pesquisar quando surgisse alguma dúvida sobre determinado Filósofo, agora só seria possível diretamente nos livros. Quando falamos sobre Cibercultura na aula, pareceu utópico, pois como falar de algo que foi proibido nas escolas, e algo de bastante importância para os estudantes? Pudemos perceber uma certa revolta quando falei em proibição, e um certo alívio quando falamos que deveria haver um controle do uso da internet nas escolas, e não uma proibição, que os estudantes poderiam sim usar internet na escola, porém na hora da aula, cada estudante deveria deixar seus aparelhos na mesa da professora, e assistir suas aulas normalmente.

Com a Lei nº 15.100/25, o uso do celular está totalmente proibido, deixando os estudantes mais ociosos e inquietos na aula, ocasionando um desinteresse para o que está sendo ministrado. Será que foi uma boa ideia tirar o único meio de comunicação que os estudantes têm, mesmo em aula? Estamos em constante conectividade, não conseguimos mais viver sem internet, nosso mundo gira em torno disso, precisamos dela para fazer uma leitura de um livro e até pagar um boleto. Essa decisão foi algo bastante prejudicial para a educação básica, pois alguns estudantes necessitam de seus celulares e tablets para que a aula funcione de uma maneira mais interativa. Com essa nova lei, podemos perceber que estamos

caindo em retrocesso, pois o uso das tecnologias vieram para modernizar a educação, que antes era somente por meio de figuras para as quais o professor tinha que ser muito bom em desenho, e hoje podemos ver a facilidade que o professor tem em demonstrar uma imagem.

No mundo cibernético que vivemos hoje, com a Inteligência Artificial, conseguiremos não depender dos meios tecnológicos? É algo que está diretamente ligado à sociedade, e botar uma barreira não seria uma das melhores ideias, pois a internet está aí para facilitar a nossa vida. A forma de se comunicar está cada vez maior, e com a alta tecnologia, o cenário está mudando cada vez mais e isso é algo muito bom, pois prova que o mundo está saindo do básico e se modernizando. Chegaremos em uma época na qual não dependeremos mais de papel, somente de aparelhos tecnológicos, que deverão ser usados de forma moderada para que não haja um vício desses meios, algo bastante difícil, principalmente quando falamos em adolescentes que estão 24 horas ligados nos meios digitais. Mas tirar essas tecnologias do meio em que eles vivem é algo bastante desafiador, e requer tempo e muitas conversas, para que não ocasione um desgaste excessivo, principalmente quando falamos em educação, porque ensinar já é complicado, e sem os meios tecnológicos a dificuldade aumenta cada vez mais. Como podemos mudar esse cenário, sabendo que o principal interlocutor que deveria lutar por uma educação melhor e com mais recursos, está tirando esse direito, deixando o estudante de mãos atadas, e principalmente o professor, que deveria ter livre acesso e mais facilidade para que pudesse ministrar suas aulas com mais abrangência e facilidade? Mas estão tirando isso da educação básica. Muito se questiona sobre a falta de estrutura nas escolas da educação básica, mas estão tirando os poucos recursos aos quais os estudantes têm acesso.

3.2. A preparação da aula

A aula escolhida para ser ministrada foi sobre a cibercultura na qual apresentamos aos estudantes os benefícios que os meios tecnológicos trazem para a educação. Para a aula preparamos os seguintes recursos didáticos:

- Plano de aula;
- Slides;
- Questionário;

- Vídeo sobre como os meios tecnológicos influenciam de forma positiva para a educação básica;
- Questionário *feedback* (Ver Apêndice)

PLANO DE AULA



ECI EUCLIDES MOUZINHO DOS SANTOS

Componente Curricular: Filosofia		Ano: 2025
Docente:	Clara Gomes dos Santos	

1º BIMESTRE

Série: 1º Ano	
Ano:	2025

Plano de aula de Filosofia - 1º ano do Ensino médio	
Tema	Inovações tecnológicas: Um novo modo de alcançar o conhecimento.
Competências Específicas	Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.
Habilidades	(EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

Objetivos	1. Fazer com que o estudante reflita acerca do uso dessas tecnologias, e como podemos usa-la de forma positiva para o crescimento do nosso conhecimento. 2. Como a Filosofia é inserida dentro desse meio digital, e como isso se dar, principalmente na educação básica. 3. Refletir como a Filosofia e as tecnologias são importantes para ajudar a compreender os desafios e também levar essas tecnologias para a sociedade.
Conteúdo	Filosofia: "amor ao conhecimento"; "Para que serve a filosofia?"; A curiosidade como característica humana; O pensamento crítico, o senso comum e a atitude filosófica.
Duração	50 minutos
Recursos didáticos	1. celular/tablet/computador; televisor 2. PowerPoint. 3. Plano de aula.
Metodologia	1. Pergunta objetiva para os estudantes de: Como podemos usar as tecnologias dentro da Filosofia. 2. Apresentação de PowerPoint, sobre os meios tecnológicos, e como a Filosofia está inserida nela, e como podemos usa-la para nosso conhecimento 3. Vídeo sobre Matrix, para que os estudantes possam refletir se estamos em um mundo real ou em um mundo imaginário. 4. Irei abrir a aula para que os estudantes possam discutir sobre o que foi falado e apresentado em aula.
Avaliação	1. Questionário para os estudantes responderem a seguinte pergunta : Com o incentivo das grandes empresas de comunicação para que as pessoas usem o telefone na maioria de suas atividades diárias, o que você acha da medida do governo de restringir o uso desses aparelhos na sala de aula? Justifique.
Referências	LÉVY, Pierre. cibercultura.(Trad. Carlos Irineu da Costa). São Paulo: Editora 34,2009. LÉVY, P. As tecnologias da inteligência. o futuro do pensador na era da informática, Rio de Janeiro: Editora 34(1 ed 1990), 1993. Cibercultura, Rio de Janeiro: Editora 32, 1999 A conexão Planetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência. Rio de Janeiro, Editora 34, 2001.

Objetos de Conhecimentos

A aula ministrada teve como objetivo fazer com que os estudantes pudessem refletir sobre o mundo cibernético no qual eles estão inseridos. Falando seu ponto de vista sobre tal assunto, e eles como estudantes podem enxergar a junção da educação, tecnologias e Filosofia.

Observações

Foi solicitado aos estudantes que expressassem suas opiniões a cerca do que foi aplicado em sala, falando seu ponto de vista de acordo com que eles tinham entendido. E para a junção de todo o material, um questionário foi aplicado para reforçar seu entendimento sobre o que foi aplicado em sala.

3.3. A execução da aula

No início da aula fizemos a seguinte pergunta: O que vocês acham que é a Cibercultura? Após a resposta de alguns estudantes, pudemos dar início a aula, apresentando alguns slides nos quais apresentamos a turma o filósofo Pierre Lévy,

sua problemática e seu conceito sobre a Cibercultura. Logo em seguida explanamos sobre como os meios tecnológicos estão diretamente ligados a nós por meio dos nossos aparelhos celulares, tablets e computadores, e como o uso desenfreado desses aparelhos acabam atrapalhando nossa vivência em sociedade e como equilibrar o seu uso a nosso favor, para que possamos obter mais conhecimento.

Intervenção filosófica e pedagógica: Aula sobre Cibercultura



Fonte: Arquivo pessoal

Após a explicação de cada slide, abrimos para as dúvidas e discussões, e os estudantes interagiram muito bem. Levamos alguns aparelhos celulares antigos para que os estudantes pudessem comparar com os aparelhos atuais, principalmente sobre os aplicativos nos quais atualmente temos acesso. E, por fim, levamos um questionário para que os estudantes pudessem responder e nos entregar, e enquanto os estudantes respondiam ao questionário, eles iam interagindo conosco, sobre a nova lei que restringe o uso de celulares nas escolas da educação básica.

Percebemos, a partir das respostas, que a Cibercultura é um tema bastante discutido entre os alunos, pois é algo atual e que eles estão vivendo diariamente. Um detalhe nos chamou atenção: alguns professores já estão se incomodando com isso, pois tem dificultando suas aulas, porque passam muito tempo em sala na escola, convivendo sempre com as mesmas pessoas e compartilhando dos mesmos assuntos. Isso acaba desgastando os estudantes, deixando-os estressados e desinteressados em aula.

3.4. A avaliação da aula

Falar sobre a Cibercultura é algo bem interessante, tendo em vista que vivemos no auge do mundo tecnológico no qual estamos sendo vigiados 24 horas por dia, e os adolescentes são os que mais têm acesso a internet. Falar de algo tão atual e tão utilizado atualmente acaba gerando uma grande discussão acerca do uso da internet e como é ficar sem internet nos dias de hoje. Sentimos um certo incômodo nos estudantes quando falamos em deixar o celular mais de lado e prestar atenção apenas nas aulas. Os estudantes “funcionam” mais quando podem acessar o celular para pesquisar um termo que desconhecem. Demonstram um certo espanto quando falamos que estávamos sendo observado 24 horas por dia, e que tudo que nós postamos, mesmo apagando, fica armazenado em um banco de dados. E quando falamos sobre como os meios digitais ajudam na aprendizagem, logo concordaram e alguns deram seus depoimentos sobre as aulas que não entendiam, mas que não podiam usar o celular para pesquisar na internet.

No questionário percebemos um certo desabafo sobre essa nova medida que as escolas foram obrigadas a adotar. Todas as respostas foram negativas, porque não achavam correto em pleno 2025, deixar os estudantes sem acesso a internet.

No momento em que o questionário estava sendo respondido, havia uma comunicação em forma de desabafo. Após o término da aula, pudemos ouvir um dos estudantes comentando que os professores iriam se reunir para solicitar a liberação do uso dos celulares no intervalo geral da aula, mas no momento da aula, todos os celulares ficariam em cima da mesa da professora.

Dos 30 estudantes que responderam ao questionário, 14 foram contra a medida de restrição do governo. 9 foram a favor da restrição do uso do celular e 7 acharam que o celular só poderia ser usado fora da sala de aula. Pudemos perceber

que foram respostas bem precisas, que causavam uma certa indignação, pois o celular passou a ser um instrumento de trabalho diário, o caderno agora começou a ganhar vida novamente, o que antes eram fotos, hoje em dia tem que ter a marca registrada a mão, para que não se perca mais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cibercultura é um conjunto de práticas, atitudes e valores que se desenvolve com o uso das tecnologias. Esta que veio como modo de inovar a vida pessoal e profissional das pessoas, pois, com ela podemos navegar o mundo todo, conhece pessoas do outro lado do mundo e nos relacionar com elas. Quando falamos em educação, podemos citar a mais alta tecnologia que existe, onde quadros ganharam vida, e caneta agora é controle remoto, as tv's, que antes eram usadas somente para nosso entretenimento caseiro, atualmente são usadas para ministrar aula, basta conectá-la a internet.

Os estudantes podem agora obter mais conhecimento, pois eles têm a fonte na palma das mãos, basta estar conectado a internet que tudo se torna acessível. Porém, temos que manter equilíbrio ao usar a internet, pois o mau uso das redes sociais pode acarretar um desequilíbrio. Pierre Lévy é defensor da Cibercultura justamente porque ela tem a capacidade de inovar.

O uso exagerado desses meios digitais podem acarretar vícios. Estar conectado por muito tempo pode ser sinônimo de desligamento do mundo físico e ligação do mundo virtual. Ante esse contexto, recentemente o governo federal publicou uma lei que visa restringir o uso dos celulares nas escolas, algo que dificultou a aprendizagem dos estudantes e causou revolta entre eles, pois quase tudo que fazer hoje em dia demanda o acesso a internet através do uso do celular. Assim, restringir, neste caso, é sinônimo de retrocesso, porque estamos impossibilitando o acesso dos estudantes a algo que pode contribuir para o seu desenvolvimento educacional.

Quando falamos em Cibercultura estamos falando em conectividade entre pessoas, e não é só isso, trata-se de uma forma sociocultural que resulta na ligação entre sociedade, cultura e novas tecnologias. Existem três características que são essenciais na cibercultura, que são elas: a interconexão, a criação de comunidades virtuais e inteligência coletiva, que são elementos fundamentais para a criação do ciberespaço. Os meios tecnológicos e a cibercultura entram também nas indústrias e empresas nas quais as máquinas estão ganhando espaço graças às inovações tecnológicas. Com isso, podemos perceber que as tecnologias estão ganhando força e espaço a cada dia, onde robôs e aparelhos eletrônicos estão ganhando vida e

falando como se fosse uma pessoa física. Por isso, estamos rodeados de inovações e temos que nos adaptar a esse novo universo tecnológico e cibercultural.

REFERÊNCIAS

DI FELICE, Massimo. Heidegger e a internet de todas as coisas: para além da concepção midiática da comunicação. In. HEIDEGGER, Martin. **A questão da técnica**. Tradução de Marco Aurélio Werle. São Paulo: Paulus, 2020. (Coleção Clássicos para a comunicação)

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 27ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

HAN, Byung-Chul. **Infocracia: digitalização e a crise da democracia**. Tradução de Gabriel S. Philipson. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

HEIDEGGER, Martin. **A questão da técnica**. Tradução de Marco Aurélio Werle. São Paulo: Paulus, 2020. (Coleção Clássicos para a comunicação)

LEMO, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre, RS: Editora Meridional LTDA, 2023.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

Apêndice



EEEFM EUCLIDES MOUZINHO DOS SANTOS

Componente curricular: Filosofia

Professora: Clara Gomes dos Santos

Professor/a supervisor/a:

Data:

QUESTIONÁRIO

1. Com o incentivo das grandes empresas de comunicação para que as pessoas usem o telefone na maioria de suas atividades diárias, o que você acha da medida do governo de restringir o uso desse aparelho na sala de aula? Justifique.